

APRESENTAÇÃO

REFORMAS CURRICULARES: avanços, resistências e desafios

Maria Zuleide da Costa Pereira¹

As demandas mercantis e econômicas de cunho neoliberal têm tornado imperativo aos Estados-Nação a redefinição de suas políticas educacionais locais, considerando os efeitos da globalização. A repercussão desse fenômeno está intensamente visibilizada ao longo das últimas décadas, focalizando, sobretudo, as reformas curriculares. Além de considerar o complexo contexto da Educação, essas reformas apresentam proposituras que resguardam tensionamentos e disputas políticas em seus processos de produção. Assim sendo, através do presente número - REFORMAS CURRICULARES: avanços, resistências e desafios - da Revista Espaço do Currículo, apresentamos pesquisas e reflexões que analisam o campo das políticas curriculares problematizando os desdobramentos dessas políticas macros e seus desafios, retrocessos, ambiguidades e tensões.

Interessamo-nos, portanto, compreender a quem se destinam essas reformas e quais propostas de mudanças socioeducativas que essas iniciativas apresentam ou não. Assim, socializa-se a partir de diferentes textos, a dinâmica do movimento curricular na Educação Básica e no Ensino Superior no Brasil e em um dos Estados da África, São Tomé e Príncipe. No que se refere ao Brasil, as reformas curriculares vêm ocorrendo de forma turbulenta e distante dos atores e das realidades das escolas. Os textos refletem estas inquietações apontando para fragilidades e fragmentações inerentes ao processo inicial de construção e pretensão desenvolvimento das políticas.

Essas reformas estão imbricadas em discursos políticos que, ao nosso ver, representam o ideário de uma época entre fronteiras espaciais cada vez mais insituáveis. Por isso podem não se realizar ou se realizar apenas parcialmente, pois são marcadas por dificuldades práticas para a sua efetivação muitas vezes por falta de condições materiais para que as sustentem. Reformas não se esgotam nelas mesmas e frequentemente mostram-se um campo de interesses cruzados, diversificados e mesmo conflitantes no processo político.

Nesses cenários, tais reformas são constantemente marcadas por tentativas de escape, buscando a solução, *a mudança*. Porém, marcas de diferentes abordagens são perceptíveis desde o pressuposto racionalista, perpassando um viés organizacional, ao pressuposto mais “pluralista” que poderia entender a reforma como um processo instável e mutável. As reformas educacionais e, portanto, as que incidem sobre os currículos, não são nada tecnicamente perfeito. Sua possibilidade de efetivação é altamente questionável, uma vez que em regimes democráticos, a resolução de problemas sociais não é nada fácil de ser garantida.

Ao nos situarmos no bojo das reformas educacionais e curriculares é importante ressaltar os cenários em trânsito, que traz à cena a educação com um destaque talvez

¹ Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Atualmente é professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: mzul@uol.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8980-9302>.

nunca alcançado como o que temos vivenciado na sociedade contemporânea. São movimentos de incertezas desenhados pela divulgação de baixos índices educacionais que justificam o tratamento da educação como um “grande negócio global”, no qual o interesse pela formulação de algumas reformas, podem ser apontados como resultado do aumento de demandas relativas à qualificação da mão de obra na esteira dos novos mercados, possibilitando a capacidade dos países aumentarem seus investimentos, tomando como referência a melhoria dos resultados educacionais.

Pode-se evidenciar que uma série de reformas foi e está sendo introduzida em contextos até mesmo “transnacionais”, com vista a garantia de uma maior eficiência dos sistemas educacionais. Muito do que se encontra na literatura educacional tem apontado que essas mudanças são sempre orientadas por critérios estritamente econômicos, ancoradas numa visão mercantil e mercadológica da educação. Uma discussão que destaca a submissão à lógica empresarial nas formas de organização e funcionamento.

Dessa forma, o que se pretende neste número da Revista Espaço do Currículo é o compartilhamento de análises cuidadosas no campo das políticas educacionais, influenciadas por produções críticas e de outros cunhos variados, compreendendo que a circulação de ideias fertiliza nossos estudos acadêmicos e permite problematizarmos as reformas curriculares em cenários contemporâneos que se transfiguram em novos espaços, redes, relações, caos e desordem.

Boa leitura!